# Milho — quebra da safrinha preocupa

***Os fatores de otimismo quanto ao resultado da segunda safra do milho não se confirmaram de todo: clima e atraso da colheita reduziram a produção. As possibilidades de o país importar milho para complementar o suprimento do atual ano-safra só estarão definidas depois da colheita da segunda safra e da avaliação do ritmo da demanda comercial de rações.***

No início do primeiro trimestre, reinava no mercado certo otimismo com relação ao desempenho do milho da segunda safra de 1997, pois vários fatores apontavam o cereal como a opção natural por parte dos produtores. Normalmente, o milho da safrinha atrai produtores menos avessos ao risco de frustração de safra. A margem esperada de lucro é alta, pois o grau de dependência da produção aos fatores climáticos desaconselha o uso de tecnologia mais sofisticada, reduzindo o custo da produção, o que amplia a margem potencial de lucro.

Este ano, um outro fator de estímulo ao plantio do milho na safrinha derivou do crescimento da lavoura da soja na safra 1996/97 no Centro-Sul. Entre o plantio seguinte do trigo ou do milho à colheita da leguminosa, muitos sojicultores optaram pelo milho, não só por sua melhor adequação climática à semeadura adiantada comparativamente às lavouras de inverno, como também pelo desestímulo que as importações de trigo causaram a seus produtores.

Por último, a própria atenção redobrada do governo à cultura do milho, indicada já no início do ano (ver *Agroanalysis* de março), pesou nessa escolha, reforçada pela expressiva quantidade de contratos de securitização indexados ao milho, cujo vencimento se iniciará no segundo semestre do ano.

Antecipando-se a esses movimentos, já em fevereiro a Conab divulgava que a área total ocupada com a safrinha de 1997 chegaria a 1,75 milhão de hectares, ou 16% acima da precedente, sugerindo colheita da ordem de 4 milhões de toneladas. Desse volume — 23% maior do que o anterior — 38% seriam provenientes do Paraná, enquanto o estado de São Paulo responderia por 23%. O restante ficaria diluído pelos três estados do Centro-Oeste.

No mês de março, o mercado mantinha-se relativamente otimista, fazendo as contas quanto ao ganho que os agricultores poderiam ter com a segunda colheita. Ao rendimento físico de 2.700kg/ha, o custo de produção típico seria de R$5,63/60kg. Quanto ao preço a ser recebido, havia consenso de que ficaria acima do mínimo, não raro especulando-se que poderia vir a ultrapassar R$7,00/saca.

Contudo, a partir de então, várias áreas produtoras paranaenses passaram a sofrer com a irregularidade das chuvas, comprometendo os resultados esperados. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria de Agricultura do Paraná, no início de maio já haveria perda de 3% da área plantada. A estiagem comprometeu a qualidade do grão devido à maturação forçada, implicando diminuição no rendimento físico. Conseqüentemente, o Deral reavaliou para 1,35 milhão de toneladas a produção esperada, ou 350 mil abaixo do inicialmente calculado.

Os agentes deste mercado mantêm-se atentos à possibilidade de esta quebra vir a aumentar, considerando-se que a colheita apenas terá início no mês de julho. Se, no entanto, não ocorrerem maiores prejuízos, os danos até agora contabilizados implicam decréscimo de 8% no resultado da safrinha no Centro-Sul. Ou seja, a produção brasileira de milho da segunda safra seria de 3,7 milhões de toneladas, equivalentes a 11% da colheita da primeira safra.

O reflexo desta alteração junto ao balanço de oferta e demanda do ano-safra 1996/97 não seria de grande monta, pela própria pequena participação que a segunda colheita detém sobre o total produzido anualmente. Considerando-se o estoque inicial do ano-safra avaliado pela Conab em 4,2 milhões de toneladas, e que a primeira safra tenha sido de 33,1 milhões, a oferta total chegaria a pouco mais de 41 milhões de toneladas.

No caso de o consumo confirmar os 37,1 milhões de toneladas previstos pela Conab, o estoque de passagem para a temporada 1997/98 seria de 3,9 milhões de toneladas. Este volume seria o menor desde o ano-safra 1992/93, e 34% inferior à média das três últimas temporadas, equivalendo a não mais do que um mês de consumo comercial.

A primeira impressão que se tem dessa situação é a de que o país estaria inevitavelmente caminhando para a realização de importações, num contexto de preços com tendência francamente altista. Inclusive, pareceria surpreendente que tal possibilidade ainda não estivesse sendo cogitada no mercado — que, diga-se de passagem,

**Cálculo da paridade do milho brasileiro para exportação**

| | |
|---|---|
| Cotação abril 1997, Bolsa de Chicago: | US$118,58/t |
| Prêmio: | US$12,00/t |
| **Receita FOB porto no Brasil:** | **US$130,58** |
| Frete interno (500km): | US$23,33/t |
| Despesas portuárias: | US$9,00/t |
| Quebra: | US$0,43/t |
| Corretagem cambial: | US$0,50/t |
| Classificação/expedição: | US$3,46/t |
| Comissões e taxas: | US$0,50/t |
| **Total custos internos:** | **US$37,22/t** |
| Receita líquida: | US$93,36/t |
| Taxa cambial: | R$1,06/ US$1,00 |
| **Receita líquida:** | **R$5,94/60 kg** |

comporta-se até o momento com total tranqüilidade.

Há uma explicação para este fato. Aparentemente, os agentes desse mercado passaram a considerá-lo de forma diferente, desde as rápidas e profundas mudanças registradas no curto espaço de poucos meses a partir de maio de 1996. A ação radical do governo, visando a estancar o forte aumento dos preços que se ensaiava naquele mês, e a retração violenta do ritmo da avicultura de corte tiveram o efeito de reverter totalmente as expectativas especulativas, tendo inclusive gerado conseqüências depressivas mais profundas do que as próprias autoridades haviam planejado.

No momento, não se pode perder de vista os números finais para a safrinha — que só serão conhecidos ao início do segundo semestre e servirão para compor o quadro definitivo de oferta do grão na temporada atual — e a tendência da demanda comercial de rações.

A respeito deste último fator, o que se sabe até o momento é que a avicultura de corte mantém-se numa posição cautelosa, evitando prejudicar as margens de lucratividade realcançadas desde os fortes prejuízos realizados em 1995. Segundo dados da Associação Paulista de Avicultura (APA), a produção de carne avícola em 1997 deverá suplantar a precedente em até 3,5%.

Pelo lado da suinocultura, o quadro não é muito diferente, pois a produção comercial prevista está muito próxima de 1,52 milhão de toneladas, como no ano passado.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

# SOJA

## Sem ICMS, mais grãos, menos farelo e óleo para exportação

*Enquanto o mercado internacional permanece atrativo, as exportações brasileiras passam por processo de mudança estrutural, acelerando-se as vendas de grãos e o farelo e o óleo perdendo terreno. As conseqüências da alteração precisam ser muito bem avaliadas.*

O café e a soja lideraram as exportações agrícolas brasileiras, no primeiro quadrimestre. As vendas externas de café em grão atingiram US$905 milhões, aumentando 164,6% sobre o mesmo período de 1996. A soja em grão amealhou US$628 milhões, com crescimento de 83,6%. De acordo com dados do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, os principais produtos agropecuários (café, soja, carne de frango, fumo em folhas, couros e peles, açúcar bruto e suco de laranja) superaram em 43,4% os US$2,54 bilhões da mesma época do ano passado, alcançando US$3,64 bilhões, ou 17,4% das vendas do país ao exterior este ano.

No caso da soja, verificou-se grande descompasso entre as vendas do grão (de que já se esperam exportações totais de cerca de 8 milhões de toneladas) e as do farelo. As deste último totalizaram US$660 milhões e foram apenas 7,32% maiores do que as de um ano atrás. Este fato tinha sido antecipado nas análises sobre o desempenho do complexo da soja, desde o momento em que se desgravaram do ICMS as exportações do grão. Em relação a abril de 1996, o mesmo mês de 1997 registrou exportações de grãos 80,2% maiores, de farelo 29,5% maiores e do óleo 22% menores, com receitas de US$463 milhões, US$325 milhões e US$78 milhões, respectivamente.

Tal situação promove amplas mudanças na própria estrutura das atividades ligadas à soja, podendo-se esperar maior competição pelo grão no mercado interno, o que elevará seus preços e ampliará as importações, pa-